

Uma história toda sua

Leandro de Sousa Cruz

MUXÍ MARTÍNEZ, Zaida. *Mujeres, casas y ciudades: más allá del umbral*. Barcelona: DPR, 2018.



¹ O poema é datado de 1923, como se vê na coleção "Selections" publicada pela University of California Press (Stein, 2008) e na tradução brasileira (Stein, 1989) publicada pela editora Noa Noa, mas interessa destacar aqui, para além da circularidade da comemoração de seu centenário, o fato de que no seguinte texto veio a público em uma edição da revista *Vanity Fair*.

Now to date now to date. Now and now and date and the date.

Who came first Napoleon at first. Who came first Napoleon the first. Who came first, Napoleon first. (Stein, 1924)

Agora para dar data para dar data. Agora e agora e data e a data.

Quem veio primeiro Napoleão de primeiro. Quem veio primeiro. Napoleão primeiro. Quem veio primeiro, Napoleão primeiro. (Stein, 1989)

Há cem anos, em abril de 1924, a revista *Vanity Fair* publicou em suas páginas o poema "If I Told Him [...]", no qual Gertrude Stein oferece um "retrato acabado" de seu amigo Pablo Picasso (Stein, 1924)¹. Se por um lado o texto reflete a influência do cubismo e da pintura de Picasso em sua forma, desmembrando e reestruturando a linguagem de uma maneira que se assemelha à maneira como o cubismo decompõe e reconfigura a percepção visual, por outro, ele também pode ser lido como um manifesto em que Stein questiona a autoridade de quem pode produzir "retratos".

Este é um enfrentamento que mobiliza o livro "Mulheres, casas e cidades", de Zaida Muxí Martínez, que se propõe como uma "[...] reescrita da história da arquitetura e do urbanismo a partir das contribuições de mulheres que foram silenciadas nas histórias gerais" (Muxí Martínez, 2018, p. 17, tradução nossa). O ambiente habitado é seu campo de trabalho, organizado em torno de duas imagens-chave que dão título ao livro: se a casa é evocada como uma imagem ou metáfora da arquitetura, dando conta do domínio privado, a cidade é apresentada como uma imagem-síntese das ações humanas, representativa, assim, do domínio público.

Trata-se de um importante contribuição para a história da arquitetura e do urbanismo a partir da teoria feminista. Na "Introdução" são apresentados os principais marcos conceituais e teóricos do livro, onde se vê que um primeiro trabalho de desconstrução empreendido foi o da própria noção de gênero, cuja construção,

para a autora, “não é em nada inocente nem inócua” – afinal, historicamente, construíram-se as noções duais de gênero masculino e feminino com a intenção de posicionar as mulheres em lugar de subordinação. A atribuição das mulheres como responsáveis pelo mundo interior, pela gestão de um lar que representa a lei do patriarcado, sem restar a elas qualquer atribuição ou mesmo capacidade de agência no mundo exterior. A autora entende que a prática arquitetônica também foi diretamente condicionada por esta forma de representação do mundo, donde se destacam duas razões para promover esta revisão historiográfica e crítica: por um lado, para “dar lugar” e desvelar as contribuições de mulheres vindas de diferentes campos para a arquitetura e para a cidade; por outro, para visibilizar as experiências e necessidades das mulheres, já que lhes foi negada a tomada de decisão na construção do ambiente humano.

A história que nos apresenta Muxí Martínez não poderia ser outra senão uma historiografia crítica, pós-moderna, que desconsidera a possibilidade de um discurso único, uma “história coral”, em seus termos, que admite acordos e desacordos em sua feitura.

Em suma, a tese que este livro quer apresentar é como diferentes experiências, diferentes perspectivas nos fazem reconhecer a realidade de diferentes maneiras, respondendo de diferentes maneiras, e como as mulheres, que sempre foram as “outras”, contribuíram e continuam a contribuir com novas questões para a prática da arquitetura e do urbanismo. Não se trata de formas mais curvilíneas ou mais retas, mas sim, ao ler, analisar a realidade de uma forma diferente da estabelecida, devido à falsa universalidade da experiência masculina, as mulheres que protagonizam o livro encontraram novos problemas a partir de uma perspectiva diferente da prevalecente e por isso deram novas respostas. [...] (Muxí Martínez, 2018, p. 41, tradução nossa)

Seguindo-se à *Introdução*, o livro se organiza em nove capítulos, dos quais o corpo principal tem como recorte temporal o intervalo entre o século XIX e a segunda metade do século XX, com reflexões que atualizam os temas tratados até suas expressões e continuidades dentro da condição contemporânea.

O primeiro capítulo, “Mulheres, arquitetura e cidade antes do século XIX”, faz um apanhado da relação entre as mulheres e os domínios do público e do privado do século XV ao XVIII. O começo do mundo moderno marca uma coincidente reorganização dual: a casa vai ganhando especialização de seu interior doméstico, demarcando espaços para o homem e para a mulher, enquanto a casa em si também se diferencia de forma

mais marcada frente ao espaço urbano, delimitando contornos entre o privado e o público. A passagem para o século XIX vai trazer como principal transformação a imagem da casa como abrigo e representação de uma “família nuclear”. O Renascimento viu o surgimento de um novo espaço, o *studiolo*, dedicado ao uso e representação do chefe de família. Tal representação perdurou por todo século XIX e segue ainda em curso, ainda que tenha sido finamente criticada por Virginia Woolf em 1929, no ensaio “Um teto todo seu” (Woolf, 2014).

Muxí Martínez nos lembra que a imagem da casa se estabeleceu no imaginário ocidental como uma “peça de autor e de prestígio” [p. 47] e, igualmente, como sendo ao mesmo tempo um “reflexo e uma pauta de normas” [p. 47]. Acima, de tudo, o imaginário da casa como um “lar, doce lar”, como esse ambiente destinado ao descanso e à intimidade, deixou de fora a consideração do lado feminino, para quem o lar também se configurou como um lugar de trabalho.

Um aspecto sobre a montagem de Muxí Martínez se evidencia logo neste primeiro capítulo. A autora leva em consideração não apenas aspectos espaciais, mas também elementos normativos como legislação e normas difusas no mundo social. Evidencia também, para além das trajetórias individuais de criadoras exemplares, as redes de solidariedade femininas. Ainda no primeiro capítulo, a autora destaca, a partir de três experiências entre os séculos XVI e XX, como a coletivização da moradia resulta em espaços que “[...] dão papel público às mulheres e lhes conferem, às mulheres, identidades independentes fora do lar.” [p. 62]. Finaliza o capítulo uma revisão sobre o papel das mulheres como reformadoras sociais, denunciando as más condições de moradia e buscando soluções para melhorá-las.

As reformadoras sociais do século XIX têm grande destaque no capítulo “Revolução social”. Partindo das trajetórias individuais das inglesas Angela Burdett-Coutts, Octavia Hill e Henrietta Barnett, a autora passa a uma reflexão sobre como ações coletivas e inovações nas instituições levaram a cabo desde um maior cuidado com as ruas e salubridade no meio urbano até a preocupação com a criação de bibliotecas populares, relacionando esta prática a experiências mais recentes como o programa Favela Bairro, no Rio de Janeiro.

Nos dois capítulos seguintes, as leitoras são apresentadas a um contexto de profissionalização, primeiro a partir da própria experiência e trabalho em ateliês de

outros profissionais, para então ingressar no mundo da formação universitária. Destacam-se, aqui, as contribuições inequívocas de mulheres arquitetas na conformação de uma nova tipologia – o edifício de apartamentos, incluindo os experimentos com cozinhas e áreas de serviço coletivas – e de inovações especiais em espaços domésticos já estabelecidos, notadamente nos espaços de trabalho dentro do lar. Já em um contexto de apelo científico, as arquitetas apresentadas têm a seu favor o cotidiano e a experiência na elaboração de propostas modernas que visavam à economia, eficácia e liberação do trabalho pesado. Assim sintetiza Muxí Martínez: “Como para muitas mulheres que propuseram melhoras na arquitetura e na cidade, a experiência pessoal é a base sobre a qual se assenta seu conhecimento. [...]” (p. 124, tradução nossa). O ingresso na prática profissional propriamente dita não foi realizado sem a desconfiança e a subalternização ditadas pelo patriarcado. Às primeiras arquitetas e urbanistas foram destinadas tarefas consideradas menores e sem prestígio como a de desenhos e cópias de plantas técnicas. De modo que, como em outras situações, instituições femininas e financiamento através de patronagem, tendo mulheres em posição política de destaque, que permitiram às primeiras profissionais em arquitetura e urbanismo terem destaque e assumirem encomendas de maior vulto.

O capítulo “As pioneiras modernas” parece destoar, num primeiro momento, da proposta de uma “história coral”, mas logo se vê a mesma cadência de partir de trajetórias individuais, ou de histórias compartilhadas de arquitetas casadas com outros arquitetos, para buscar as relações de cooperação e mostrar um trabalho coletivo. Para Muxí Martínez:

[...] [A]s mulheres têm maiores dificuldades em deixar sua marca na história, principalmente se esta for escrita com um sistema de valores construído a partir dos feitos masculinos e da sua própria história heroica, o que exige o desaparecimento de qualquer sistema de trabalho em equipe e colaboração, que por outro lado foi e é essencial tanto na arquitetura como na vida. (Muxí Martínez, 2018, p. 178, tradução nossa)

Ainda com relação a este capítulo, nota-se uma suspensão da dualidade casa-cidade para tratar mais especificamente de uma história intelectual das arquitetas pioneiras, de uma história da prática arquitetônica marcada pelas dificuldades em receber crédito pelo trabalho associado aos maridos arquitetos. Notam-se, também, momentos luminosos de análise sobre as contribuições destas pioneiras, inserindo-as no contexto das vanguardas. A análise da Casa Rietveld Schröder em Utrecht, resultado da parceria

entre Truus Schröder e Gerrit Rietveld, é especular. Muxí Martínez conduz as leitoras a todos os espaços da residência e entende a sua modernidade para além de uma “expressão construída do movimento *De Stijl*”, como manuais apressados de arquitetura o fariam, afinal a casa “[...] é um manifesto espacial baseado num tipo de sociedade e relação familiar, a sua inovação baseia-se nisso, respondendo a muito mais variáveis do que as do manifesto estético.” (Muxí Martínez, 2018, p. 195, tradução nossa)

A dimensão mais coletiva da moradia e a dimensão pública do urbano são trabalhadas no capítulo “*Housers*’, ou as moradias como centro de interesse”. Aqui são apresentadas, também no modelo de uma história intelectual, as experiências de Margarete Schütte-Lihotzky com pesquisa e projeto na Alemanha e na União Soviética, o trabalho de Catherine Bauer e Elizabeth Denby com as políticas de moradia nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, finalizando com a atuação política e profissional de Carmen Portinho no Rio de Janeiro. Muxí Martínez faz compreender que para estas profissionais, também pioneiras, os espaços coletivos não eram apenas a expressão de uma utopia, mas também um significativo avanço nas questões de gênero.

O capítulo “Terceira e quarta geração” adota uma organização temporal estabelecida em outras historiografias tradicionais, não associadas à teoria feminista, porque reconhece na produção dos anos 1950 uma correspondência entre as experiências das mulheres desta geração e das prévias. Destaca-se, para a autora, “[...]a preocupação com o ambiente natural, uma arquitetura mais enraizada nos lugares, tanto nas tradições construtivas como climáticas, e a revisão dialética da simplificação funcional da cidade derivada da Carta de Atenas (1933)” (Muxí Martínez, 2018, p. 235, tradução nossa). Referindo-se à contribuição de Liane Lefaivre sobre o Regionalismo Crítico, traça as trajetórias de Minnette de Silva e de Lina Bo Bardi e suas principais experiências projetuais no Sri Lanka e no Brasil, respectivamente. O trabalho de crítica, de crítica historiográfica, de organização de eventos internacionais e de curadoria também são contemplados nesse contexto, destacando-se a atuação de Sibyl Moholy-Nagy, Ada Louise Huxtable, Marina Waisman, Jacqueline Tyrwhitt e Jane Drew. Muxí Martínez aponta não apenas as contribuições de arquitetas e urbanistas nos CIAMs, como também inclui na genealogia de eventos e organizações internacionais dedicadas a divulgar e refletir sobre a prática de profissionais mulheres nos campos da arquitetura, urbanismo e paisagismo.

Embora não seja o primeiro encontro dessa natureza mencionado no livro, o evento organizado pela argentina Susana Torre nos Estados Unidos, com o título “*Women in Architecture: An Exhibition of Work*

by Women” [Mulheres na Arquitetura: Uma Exposição de Obras por Mulheres, em tradução livre] parece servir de inspiração para o trabalho mesmo de historiografia empreendido por Muxí Martínez. Para a autora, o evento mencionado, ainda nos anos 1970:

buscou não apenas mostrar a quantidade, mas mostrar seu interesse nas perspectivas feministas, que queriam desafiar o discursos e práticas dominantes em relação aos direitos dos mulheres à autodeterminação, a serem escutadas e a terem poder na arena pública. (Muxí Martínez, 2018, p. 271, tradução nossa)

O último capítulo do livro trata do “Urbanismo moderno” no seu título, mas estende a reflexão até a prática contemporânea. Levanta a relevância da urbanista Jakob Mulder na elaboração do plano de modernização de Amsterdã, junto a Cornelius van Esteren, e seu papel decisivo na implantação de parques infantis na capital holandesa, normalmente atribuída apenas ao trabalho de Aldo van Eyck como responsável pelo projeto arquitetônico. O capítulo segue com outras contribuições femininas ao pensamento e prática crítica sobre a cidade moderna e contemporânea, passando pela contribuição incontornável de Jane Jacobs e o trabalho experimental do coletivo Matrix. Se por um lado é importante valorizar que Muxí Martínez não faz qualquer concessão a escritórios e arquitetas ligadas à cultura do espetáculo da virada dos séculos XX e XXI, não é menos estranho que o último capítulo não se abra para um conjunto maior de experiências nem amplie a geografia do universo representado, como o fez em capítulos anteriores. De algum modo, experiências de coletivos feministas de ensino, pesquisa e de divulgação estão presentes em todo o livro, notadamente o coletivo *Un día | una arquitecta*, às quais poderiam ser acrescentadas tantas outras que, hoje, formam uma massa crítica de coletivos, grupos e núcleos de pesquisa, sessões temáticas em seminários e dossiês especiais em revistas, sem perder de vista que se estabelece um cotidiano de pesquisa que, eventualmente, prescinde da excepcionalidade do evento disparador e já se encontra incorporado nas práticas de ensino e de pesquisa. Resta, ainda, maior representatividade nos espaços de poder e de tomada de decisão, esta uma luta ainda a não se perder de vista.

Encerra a densa obra de cerca de 350 páginas uma seção curta que já se apresenta como um “fechamento provisório”, com um elenco de perguntas não completamente respondidas, especialmente aquelas que tratam sobre que novos valores podem ser construídos. Após muitas perguntas, Muxí Martínez afirma: “Gostaria que as mulheres deixássemos de ser as outras, as desconhecidas, as invisíveis, e esta é a minha contribuição pessoal para que possamos alcançá-lo. [...]” (Muxí Martínez, 2018, p. 321, tradução nossa) assim determinado para que nenhum resenhista precise acrescentar qualquer linha sobre a relevância de um trabalho desenvolvido por mais de dez anos, e que segue em sua prática crítica, historiográfica e profissional.

Para finalizar, cabe destacar uma outra importante contribuição do livro, também evidenciada ao longo de suas páginas. Ao “dar lugar” e visibilizar a produção de mulheres que haviam sido apagadas ou colocadas em posição subalterna na historiografia tradicional, Muxí Martínez acrescenta elementos agora incontornáveis para novas genealogias da produção arquitetônica e urbanística dos últimos séculos. Ecoa o “Quem vem primeiro” de Gertrude Stein ao longo de toda a leitura do livro, apenas para percebermos que se marcar datas e dar os nomes continuam sendo procedimentos historiográficos elementares, agora não cabem mais as respostas prontas. Assim, também, o livro deixa patente uma de suas maiores dificuldades enquanto processo de pesquisa, afinal ainda é necessário investir em ampliar os arquivos e tornar visíveis os apagamentos da crítica e da historiografia tradicionais.

Referências

MUXÍ MARTÍNEZ, Zaida. *Mujeres, casas y ciudades: más allá del umbral*. Barcelona: DPR, 2018.

MUXÍ MARTÍNEZ, Zaida. *Mulheres, casas e ciudades*. Tradução: Júlia Urrutia. São Paulo: Olhares, 2024. [no prelo].

ALIAGA FUENTES, Maribel; PESCATORI, Carolina (ed.). *Entre arquiteturas, cidades e feminismos: pesquisas do observatório amar-é-linha*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2022.

STEIN, Gertrude. “If I Told Him”: A Completed “Portrait” of Picasso, in an Eccentric Modern Manner. *Vanity Fair*, Nova Iorque, v. 21, n. 8, p. 40, abr. 1924.

STEIN, Gertrude. Se eu lhe contasse: um retrato acabado de Picasso. In: STEIN, Gertrude. *Porta-retratos*. Tradução: Augusto de Campos. Ilha de Santa Catarina: Noa Noa, 1989.

STEIN, Gertrude. If I Told Him, A Completed Portrait of Picasso (1923). In: STEIN, Gertrude. *Selections*. [Edited and with an Introduction by Joan Retallack]. Berkeley: University of California Press, 2008. p. 190-193.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução: Bia Nunes de Sousa; Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

